

## ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE HOMOSSEXUAL EM SALVADOR: HÁ UM GUETO GAY?

Érico Nascimento<sup>1</sup>  
Oswaldo Fernandez<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa as especificidades do estilo de vida homossexual e a sua relação com o espaço urbano na cidade de Salvador, a partir de reflexões iniciadas na monografia de graduação em Urbanismo, intitulada “*Territórios e Circuitos Homossexuais em Salvador: há um gueto gay?*”, defendida no ano de 2007 na Universidade do Estado da Bahia - UNEB. O objetivo principal da pesquisa foi questionar a existência de um “gueto” tal como descrito por Wirth (1987). A hipótese que norteou a investigação era a de que os homossexuais prefeririam os locais fechados por sofrerem mais discriminações nos espaços públicos. Dessa forma a opção por lugares reservados seria proporcional ao preconceito sofrido nos espaços livres. Ou seja: onde há maior preconceito há maior preferência por locais fechados.

**Palavras-chave:** usos do espaço, gueto gay, sociabilidade homossexual

De acordo com Wirth (1987), os grupos minorizados segregam-se no espaço urbano, criando espaços de moradia e satisfação das necessidades de seus indivíduos, reforçando também os laços de solidariedade. O gueto serve como uma forma de acomodação usada entre grupos em conflitos, através do qual um grupo minoritário sobrevive diante da opressão sofrida diante de um grupo majoritário em áreas específicas das cidades. No dizer deste autor, é “uma forma de acomodação através da qual um grupo minoritário efetivamente é subordinado a um grupo dominante” e oferece integração comunitária à sociedade, garantindo condições de existência do grupo minoritário e dos seus costumes (WIRTH, 1987, p. 58). As características básicas descritas por este autor para a existência de um gueto são a concentração residencial, a área de serviços institucionais, o isolamento e fechamento em relação ao grupo majoritário.

---

<sup>1</sup> Urbanista, Mestrando em Arquitetura e Urbanismo (UFBA) e pesquisador NUGSEX DIADORIM (UNEB). [Erico\\_nascimento@hotmail.com](mailto:Erico_nascimento@hotmail.com).

<sup>2</sup> Antropólogo, Professor Adjunto do depto de Educação e do Mestrado em Crítica Cultural da Universidade Estadual da Bahia – UNEB; Visiting Senior Research Scientist do *Department of Sociomedical Sciences*, na *Mailman School Public Health* da *Columbia University* (NY/EUA), bolsista de Pos-Doutorado da Fundação CAPES – Proc. N° BEX (1960-09-1), Ministério da Educação do Brasil..

A concentração institucional indica a existência de áreas dentro do gueto onde as pessoas se encontram e desenvolvem um mercado de serviços específicos àquela população. A área cultural – ou área de costumes - indica a o território onde a cultura particular do grupo domina a paisagem através de símbolos e marcas que distinguem e identificam a região como uma área específica dentro da cidade. O isolamento social indica que a segregação da população do gueto é fruto da resistência ao preconceito da sociedade geral diante de práticas culturais distintas. A concentração residencial indica que dentro do gueto os moradores são, em sua maioria, a população cujos atributos são discriminados. A região onde se concentram as habitações da população minoritária é o único local da cidade onde os membros do grupo majoritário se adaptam ao modo de vida do grupo minoritário<sup>3</sup>.

Inicialmente associado aos agrupamentos judeus, o conceito de passou a se referência da organização espacial também para a população gay no trabalho de Levine (1979) sobre algumas cidades norteamericanas. Levine (1979) lançou luz sobre as redes sociais de homossexuais e as características da base territorial onde se desenvolvem essas relações. Ao analisar as comunidades homossexuais masculinas em algumas cidades dos Estados Unidos (Boston, Nova York, Chicago, São Francisco e Los Angeles), buscou validar o uso do termo “gueto” para as áreas urbanas com predomínio de gays – “os guetos gays”. O gueto gay, a partir do exposto por Wirth, seria então aquela área da cidade ocupada majoritariamente por uma população homossexual, caracterizada por isolamento, concentração habitacional de homossexuais e instituições comunitárias ligadas ao grupo, que formariam a área cultural.

A primeira conclusão de Levine (1979) é que Wirth teria transformado o termo gueto em um conceito útil ao estudo da ecologia urbana, pois é um exemplo perfeito para a expressão da segregação ecológica no sentido de indicar espacialmente a extensão do isolamento social. A partir da análise de mapas, levantamentos em revistas e guias gays e inserção em campo, tentou traçar a extensão dessa segregação nas cidades americanas

---

<sup>3</sup> O gueto tem um significado social muito forte pois é uma forma de resistência de um grupo a descaracterização cultural, através de uma tentativa de construir no seio de uma sociedade marcada por características distintas a sua área de reconhecimento e indica que a cultura do grupo é mais forte que a localização geográfica do mesmo.

estudadas. Como observou, as comunidades homossexuais se formam nos centros das cidades e em áreas onde populações desviantes são aceitas, porém estas comunidades vivem em paralelo com muitas populações marginalizadas, remetendo também à idéia de “região moral”, defendida por Robert Park<sup>4</sup>. Após estudar várias comunidades, concluiu que nem todas apresentaram os requisitos necessários, embora considerasse que, apesar disso, essas comunidades não podem ser descaracterizadas como possíveis guetos em desenvolvimento. Ainda de acordo a esse autor, é mais difícil para os homossexuais do que outros grupos, diante do preconceito, formarem comunidades significativamente grandes e socialmente coesas.

No chamado “Brasil da abertura”, Edward MacRae (1983) observou o surgimento de um comportamento mais explícito entre os homossexuais nas grandes cidades brasileiras, particularmente na cidade de São Paulo. Ele notou que estes deixavam de lado uma postura velada e passaram a adotar comportamentos mais abertos quanto à sexualidade, inclusive com expressão afetiva em locais públicos.

Como observado por MacRae, nos ditos “guetos” era possível estar e se expressar com naturalidade e ter contatos afetivos explícitos, sem que houvesse repressão. Essa maior aceitação estava mais ligada ao mundo do comércio, através da formação de um “mercado do sexo” ligado à identidade homossexual, já que boates e bares para homossexuais existiam há mais tempo, sem necessariamente indicarem a existência de um mercado específico. Ao lado de uma aparente afirmação da homossexualidade ou até mesmo explicando-a, estava a emergência de um estilo de vida que encontrava nos espaços exclusivos criados pelo mercado o *locus* próprio para a expressão pública da homoafetividade. Com padrão de qualidade internacional e dirigidos ao público homossexual, estes estabelecimentos tendiam a estarem concentrados em certas áreas

---

<sup>4</sup> De acordo com Park, a região moral é a faixa localizada ao redor do centro mais antigo das cidades, geralmente degradado, desvalorizado pelo poder público, pelo capital imobiliário e mal tratado pelo tempo. Os seus habitantes e freqüentadores costumam seguir códigos de conduta não-ligados a moral institucionalizada e são tratados como marginais ou desviantes. A região moral não é o local de moradia. É, principalmente, o local de satisfação de necessidades de grupos marginalizados ou minoritários. Consiste na porção da cidade onde a moral se constitui de acordo com o interesse dos ocupantes, podendo ser diversa da moral instituída pela maioria da sociedade.

das cidades em função de uma busca por locais onde houvesse certeza de segurança contra ataques de bandidos e da polícia<sup>5</sup>.

No final dos anos oitenta, o antropólogo argentino Nestor Perlongher estudou a prostituição homossexual masculina na cidade de São Paulo. No seu estudo, definiu áreas onde a atividade era mais freqüente e passou a entrevistar “michês”<sup>6</sup> e seus clientes. Para este autor, o conceito básico de trabalho foi o de “território”. Assim como Levine havia concluído em seu estudo das cidades americanas, Perlongher (1986) observou que o gueto se realizava em São Paulo apenas em alguns aspectos. No caso brasileiro, assim como as cidades pesquisadas por Levine, a concentração residencial era esparsa. Na verdade, o que o autor percebeu foi uma espécie de “região moral” ocupada por desviantes, tal como descrita por Park.

Nas regiões morais citadas por Perlongher, as populações encontradas eram as mais diversas entre marginais e homossexuais e o autor chegou a se referir às regiões como “Boca do Lixo”. O mesmo nos mostra que, no caso do Brasil, não era possível falar naquele momento em um gueto clássico como na sua concepção norte-americana, mas sim em áreas apropriadas por usos desviantes e definidas a partir dos costumes. A essas áreas ele chamou de “territórios marginais”<sup>7</sup>.

No ano 2000 o antropólogo Luiz Mott publicou uma pesquisa na qual mapeava a extensão da “cena gay” em Salvador no final dos anos 1990 e oferecia subsídios para a prevenção da AIDS. Em sua obra, Mott (2000, p. 13) definiu a “cena gay” como sendo “os espaços ao ar livre, logradouros urbanos e estabelecimentos comerciais que servem

---

<sup>5</sup> O texto a que fazemos referência foi publicado em 1982, época em que ainda eram comuns no Brasil as batidas policiais nos locais gays, sendo comum a prisão dos seus freqüentadores que não apresentassem carteira de trabalho, sob a acusação de “vadiagem”.

<sup>6</sup> No caso, a palavra está sendo usada para definir o indivíduo que oferece o sexo como mercadoria. Segundo Perlongher, a palavra também serve para designar a atividade em si e não apenas o indivíduo que a pratica.

<sup>7</sup> Os territórios são unidades espaciais cujo enfoque e significado podem variar de acordo com a abordagem. Os territórios também podem ser considerados unidades espaciais delimitadas a partir da prática cotidiana dos sujeitos. Para nós, a fala de Milton Santos (1994) reforça essa idéia: “É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto de análise social” (SANTOS, 1994, p. 15). Existem críticas a esta forma de se pensar o conceito de território, por conta da imprecisão na delimitação dos mesmos. Para alguns autores, um território é uma unidade espacial com autonomia política. Aqui, são considerados territórios as unidades espaciais com autonomia espacial e significado cultural, importando a localização das atividades e a sua concentração em áreas específicas da cidade. Para nós, uma rua, uma praia, uma avenida servem como exemplo de territórios, se forem constituídos enquanto unidades de especialização funcional a partir do uso cotidiano e concentração de atividades.

de nicho ecológico para sociabilização e encontros de variados graus entre homens com atração homossexual”.

O autor relaciona também o conceito de “cena gay” ao de “gueto gay” (MOTT, 2000, p. 75). Embora esta não seja a discussão principal do trabalho, nos parece ainda apropriado voltar à discussão sobre o gueto. Como o próprio Mott definiu, “trata-se do conjunto de locais de encontros de homossexuais masculinos”. Como o ponto principal do trabalho citado era mapear as áreas e oferecer o suporte para trabalhos de prevenção à AIDS, não há problema na utilização do conceito, desde que feita a ressalva de que é uma apropriação política de um conceito histórico e amplamente difundido.

No ano de 2005 o antropólogo Júlio Simões voltou ao estudo de MacRae, tentando atualizar a discussão sobre o gueto gay paulistano. A noção de gueto adotada por Simões abrangia as áreas públicas e privadas utilizadas por homossexuais. Na verdade, o próprio Simões afirma que a concepção utilizada enfatiza mais a dimensão “política e cultural do gueto, de espaço público, do que propriamente um território delimitado por uma forma específica de ocupação e utilização” (SIMÕES, 2005, p. 310).

Para Simões, o gueto paulistano só seria possível de ser delimitado a partir do acompanhamento dos deslocamentos dos sujeitos através dos locais de frequência homossexual, de acordo com os estilos de vida. Para este autor, a forma de dar conta da utilização espacial da cidade pelos homossexuais, abrangendo padrões de deslocamento e a fixação residencial seriam os conceitos de “manchas” e “circuitos”, tal como definidos por Magnani (2000).

Para Magnani (2000, p. 40), mancha “é uma região de estabelecimentos não contíguos, que guardam entre si uma relação de complementaridade pelas funções e serviços oferecidos”. Sob a denominação de manchas estão as áreas que englobam estabelecimentos e serviços que dão suporte a um estilo de vida e que se complementam ou, não raro, concorrem entre si pelo mesmo público. O fluxo de pessoas através dos territórios e manchas pode ser considerado como um “circuito” que “une espaços e equipamentos não contíguos na paisagem urbana, mas que são reconhecidos pelos seus frequentadores” (MAGNANI, 2000, p. 43).

Segundo o autor, estes conceitos não abarcam as dimensões da segregação e as lutas simbólicas pela apropriação do espaço. Estas categorias de análise apenas dão conta da especialização funcional dos espaços e são definidos a partir do consumo. Talvez por estarem ligados a populações cujos estilos de vida são legitimados através do trabalho e da inserção no mercado e não serem populações estigmatizadas, a questão da segregação esteja menos visível<sup>8</sup>. Diante disso, nos parece ainda pertinente a discussão acerca da validade do termo gueto.

A diferença entre as manchas e os guetos defendidos por Wirth é que, enquanto os guetos parecem tender ao fechamento em si mesmos, as manchas são abertas. Nelas são realizadas diversas atividades que, embora não tenham relações entre si, usam os mesmos espaços físicos. Uma mancha só tem significado se for reconhecida como parte de um processo de uso do espaço por grupos específicos que, de posse de determinados atributos culturais comuns, dão novo significado à experiência de estar no espaço da cidade<sup>9</sup>.

A diferença entre os territórios e as manchas é que nos territórios importa a concentração e a contigüidade espacial de atividades e funções. As manchas são espaços de concentração próxima, mas não contígua. Há identidade e complementaridade entre as funções no interior de uma mancha, mas nem sempre há concorrência. Outra distinção é que os territórios, para nós, são as unidades espaciais que compõem as manchas. Eles estão contidos nas manchas, embora também surjam territórios esparsos, dissociados de manchas.

O que nos faz considerar certas unidades espaciais isoladas como um território e não uma mancha são as características que consideramos básicas para cada um deles. O território é a unidade do espaço apropriada por funções específicas e reconhecida por estas funções: território de bares, de prostituição, de boates, de praias, etc. Muitas vezes, um único estabelecimento, numa rua ou numa praia isolada, se constitui como um território. As manchas agregam territórios com funções que se complementam. Os territórios agregam estabelecimentos concorrentes. Para Magnani, estas unidades espaciais que denominamos de territórios seriam chamadas de “cenários”. Não

---

<sup>8</sup> Magnani estudou circuitos esotéricos e de costureiras em São Paulo, grupos que não carregam estigmas pesados como as populações LGBT

<sup>9</sup> No caso de Salvador, no Centro Histórico, enquanto durante o dia certas ruas servem ao comércio popular, a noite, estas mesmas ruas servem de território da prostituição.

consideramos o termo adequado, pois o próprio autor nos dá a razão. Para ele, o cenário é muito mais do que o “palco” onde as atividades estão localizadas. Para nós, o território também é mais do que um palco; ele é um *espaço*, como dito antes, *dotado de significado cultural*. Mas um espaço é uma unidade física e não podemos dissociar as práticas dos locais onde elas ocorrem.

## **SOCIABILIDADE E ESPAÇOS HOMOSSEXUAIS EM SALVADOR**

A partir da pesquisa foi elaborado um mapa primário relacionado à extensão da ocupação do espaço por sujeitos e práticas homossexuais. O mapa revelou três grandes áreas relacionadas com o lazer homossexual: o **Centro**, principalmente no Pelourinho, Carlos Gomes, Avenida Sete, Piedade, Campo Grande, Barris, Dois de Julho e Rua Leovigildo Filgueiras (Beco dos Artistas); a **Barra**, principalmente no Porto, Farol e Cristo, arredores da Avenida Oceânica; e a **Boca do Rio**.

A partir da análise da concentração dos estabelecimentos e da distribuição dos espaços freqüentados por homossexuais em Salvador, foi possível perceber uma utilização esparsa, porém consistente ao longo da cidade. Esparsa por que esta ocupação homossexual é presente em várias grandes regiões especializadas de acordo com características de seus freqüentadores<sup>10</sup> e com a lógica dos serviços<sup>11</sup> ofertados.

Foi possível perceber que existem três grandes áreas notáveis de concentração de áreas e estabelecimentos gays, classificadas como “manchas”. Tal como descrito por Magnani, apresentam em áreas próximas, mas nem sempre contíguas, serviços destinados à realização de “estilos de vida” homossexual em determinadas áreas da cidade.

Foram abertos também, nestes últimos oito meses, dois estabelecimentos que estão deslocando o centro das atenções de rapazes e moças homossexuais de classe média, na faixa dos 18-30 anos, no Rio Vermelho. Trata-se do embrião de uma nova mancha, que será discutido após a apresentação destas manchas já consolidadas.

### **a) Mancha Centro Histórico, Barris, Campo Grande**

---

<sup>10</sup> Tipo de freqüentadores de acordo com o sexo/ gênero, idade, classe, cor/etnia

<sup>11</sup> Estes serviços podem ser de diversão, moradia, assistência social, entre outras características. Uma divisão interessante é o de serviços “do dia” e “da noite”.

É a região que, geograficamente, engloba o Centro Histórico/ Pelourinho, Avenida Carlos Gomes, Avenida Sete, Dois de Julho e Campo Grande. Há uma grande diversidade de serviços de bares, saunas, “espaços de pegação”, territórios de prostituição, cinemas, boates e uma concentração residencial esparsa, principalmente nos bairros Dois de Julho e Barris. Nestes espaços convivem e se encontram populações marginalizadas, professores universitários e seus alunos, boêmios, artistas, militantes de causas diversas<sup>12</sup>, e profissionais do sexo (masculinos, femininos e travestis que se prostituem).

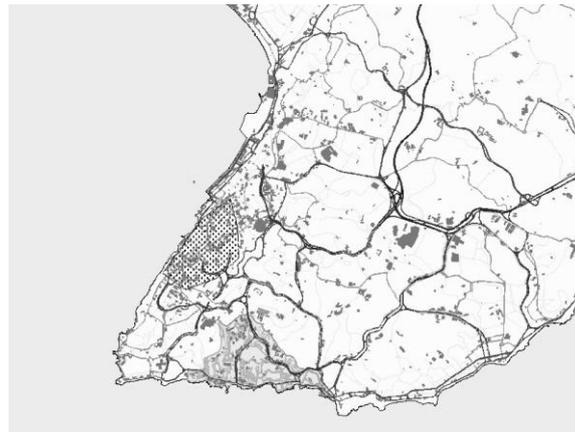


FIGURA 1: MANCHA CENTRO

Nesta chamada mancha Centro encontramos importantes instituições ligadas aos direitos humanos e à militância homossexual. Em meados do ano de 2006 surgiu, na área do comércio informal de discos e DVDs da região da Piedade, uma banca onde são vendidas obras tidas como “cult” e de “interesse dos gays”. Na banca – na verdade, trata-se de uma lona onde os filmes podem ser expostos na rua – pude encontrar filmes raros, alguns com temática homoerótica, filmes abertamente pornográficos, séries americanas de sucesso entre os gays<sup>13</sup>, DVDs de shows de cantoras de sucesso entre o público gay tanto adolescente (música pop americana) quanto o público apreciador de grandes cantoras da música popular brasileira, como Maria Bethânia, Gal Costa e Elis Regina<sup>14</sup>. Entre os compradores da banca, pude observar gays notórios. Um dado interessante a ser notado é que o preço dos filmes é cerca de três vezes maior em relação

---

<sup>12</sup> Militantes ligados aos Movimentos Negro, Homossexual e Feminista, a Partidos Políticos e Sindicatos

<sup>13</sup> Uma destas séries é “*Queer as Folk*”, que narra de forma explícita o cotidiano de um grupo de amigos gays em uma cidade norteamericana.

<sup>14</sup> Felipe, um professor universitário e cinéfilo, com mais de 50 anos, chegou a comentar que o vendedor dos filmes também seria “do babado”. Em um dos contatos com o vendedor, o mesmo afirmou ser possível encomendar outros filmes de temática homoerótica ou pornográfica, pois ele possuía um vasto acervo pessoal, que poderia ser fonte de consulta para cópias.

a outras bancas de “cds e dvds piratas”. Segundo seu dono, o que justifica este preço é a raridade das obras e a possibilidade de adquiri-las por encomenda. Também são encontradas três saunas nesta região. Elas estão distribuídas de forma mais ou menos próxima. É possível se deslocar entre todas elas a pé. Uma está no bairro Dois de Julho e as outras duas saunas estão situadas entre os Barris e a Piedade. Há também uma série de bares e restaurantes, no Pelourinho, Dois de Julho, Avenida Carlos Gomes e Campo Grande.

**b) Mancha Graça – Barra**

Esta mancha engloba uma grande área que poderia ser dividida em duas, não fosse a proximidade e a complementaridade das atividades nelas desenvolvidas. É a região que, geograficamente, engloba a Graça, na extensão de suas ruas principais, ao longo da Euclides da Cunha e suas transversais, e a Barra, desde o Porto até o Cristo, principalmente ao longo da Orla. Há certa oferta de serviços de bares, saunas, alguns espaços de *pegação*, uma boate e certa fixação residencial. Nestes espaços convivem e se encontram populações de classe média e alta, em busca de diversão e moradia de qualidade. Aqui, as populações marginalizadas são menos visíveis. Os gays e lésbicas aqui apresentam elevado poder aquisitivo e acesso a bens de consumo. O custo de vida também é maior e o valor dos imóveis é cerca de duas vezes mais caro em relação à região do Dois de Julho.

O autor apontou também uma tendência à segregação econômica e racial entre os homossexuais: “Se formos examinar a situação nas grandes metrópoles brasileiras, veremos que aqui o aparecimento de espaços comerciais onde o comportamento homossexual é permitido tende, de fato, a segregar as pessoas em termos econômicos e, portanto, raciais” (MACRAE, 1983, p. 59)

Este panorama observado por MacRae já indicou uma aliança entre a assunção identitária e a afirmação sexual através do consumo em São Paulo, um fenômeno que só veio se massificar no resto do País a partir dos anos 1990.

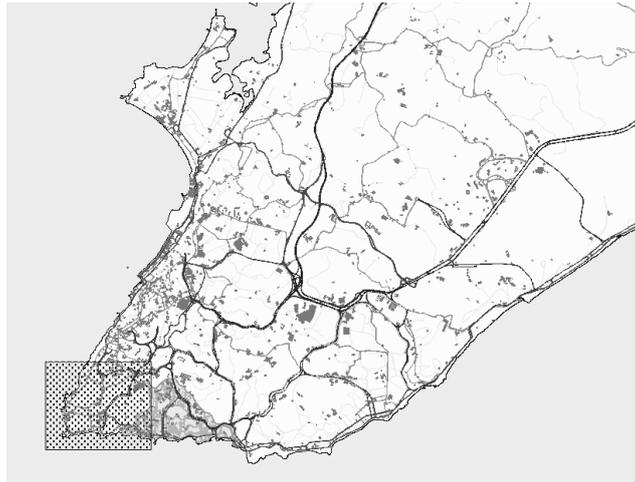


FIGURA 2: MANCHA BARRA – GRAÇA

c) **Mancha Orla – Boca do Rio**

A mancha da Boca do Rio, também chamada de Mancha Orla, é conhecida pela sua ligação com os serviços da praia dos Artistas. Embora a apropriação desta praia por gays seja muito antiga, desde os anos 1970, apenas nos anos 1990 esta região ganhou seus primeiros bares freqüentados por homossexuais após o final do dia. Atualmente, pode-se ver que é uma mancha consolidada pela longevidade da praia e pela crescente abertura de bares e outros serviços na região. Há, atualmente, uma sauna e um bar freqüentados nesta região.

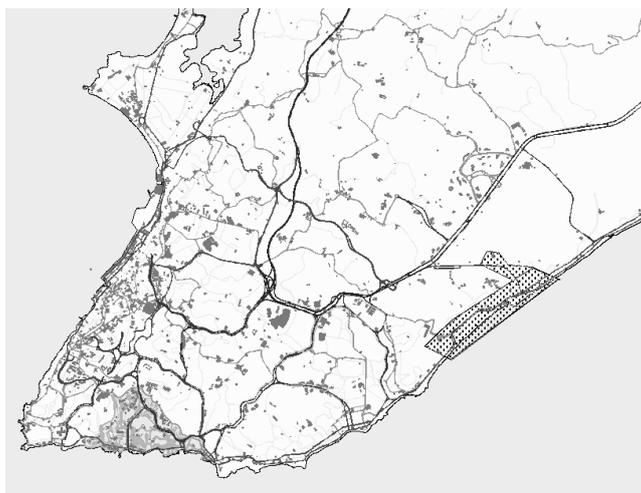


FIGURA 3: MANCHA ORLA

O que parece orientar a freqüência a esses territórios e manchas são fatores como a assunção da própria sexualidade e a vulnerabilidade ao preconceito. Para alguns, não há

problema em ser visto em locais LGBT e ser identificado como homossexual. Para outros, é mais importante que o lugar seja o mais discreto possível, sem símbolos. Em lugares onde o preconceito é mais violento ou para pessoas que ainda estão “no armário” e têm problemas com a própria sexualidade, lugares discretos e, se possível, isolados e fechados são os ideais. Ao contrário do que pensávamos, esta tendência a preferir os locais fechados não está restrita às mulheres. Na verdade, a necessidade de locais fechados está muito mais relacionada ao medo da revelação da própria sexualidade. As pessoas que não querem ser expostas tendem a preferir locais fechados, independentemente da classe social e do gênero. Apesar disso, os homens são mais visíveis pela própria performance de gênero. A sexualidade do macho brasileiro está voltada para a rua. Às mulheres resta o ambiente doméstico. Esta teoria explicaria por que os homens assumem publicamente e até exercitam sua sexualidade. Mas não parece adequada para explicar os dados encontrados na pesquisa.

Para nossos entrevistados, a preferência por locais fechados só é justificada pelos que ainda não assumiram. Mesmo entre os não assumidos que frequentam locais abertamente gays e conhecidos, como a Boate *Off* ou a Praia dos Artistas, à frequência a estes locais é adicionada a tentativa de não ser visto chegando. Léo, 22 anos, estudante vindo de Madre de Deus, não costuma nem mesmo parar nos bares na porta da *Off* para cumprimentar os amigos: *“não quero ser visto lá. Isso já causou até saia justa entre amigos, por que não parei para cumprimentá-los. Mas não abro mão disso. Minha família não aceitaria. Lá dentro fico mais calmo e à vontade. O ambiente é escuro e não corro tanto o risco de ser visto”*. Também não podemos esquecer a preferência apontada pelas travestis por cinemas eróticos como base física para o exercício da prostituição, pois precisam de segurança para se prostituírem e os cinema – locais fechados – durante o dia servem para evitar o contato com um público maior e se proteger da violência.

Ficou evidenciado na pesquisa o deslocamento do eixo de diversão do público de maior poder aquisitivo para a Orla, cada vez mais distante do Centro. Até a década de 90, esse público estava ligado ao Centro. Naquela época, a Boate Mix Ozone estava localizada no bairro 2 de Julho. Em 1999, com a abertura da *Off Club* na Barra, e após o fechamento da Mix, os homossexuais mais abonados se deslocaram para esta região. Atualmente, na região da *Off* há duas saunas e bares que atendem ao público LGBT. Mas pudemos constatar uma popularização não apenas do público, mas também do

comércio na região: há três anos, surgiu uma barraca que vende, durante a madrugada, cachorro quente e churrasco no espeto; um ano depois, um novo vendedor de cachorro quente surgiu para concorrer com o anterior. A explicação para este fenômeno é a necessidade de atender a demanda dos frequentadores após a boate., e para muitos, o lanche nos bares e boates é caro, o que explica o sucesso comemorado por um destes vendedores: *“ah, para mim, está bom. Para quem vende de madrugada, o que eu tiro aqui é muito superior ao que muitos tiram durante o dia”*<sup>15</sup>. De acordo com ele, os comerciantes ainda não se manifestaram, mas é possível ver que a creperia ao lado da boate, que costumava ficar cheia no final da madrugada, já não mais fica aberta até tão tarde. O surgimento deste comércio informal é um dos estágios indica a popularização de determinada área. Foi visível a invasão do Beco dos Artistas, nos últimos três anos, por comerciantes informais. Logo após, o Beco da Off, como é conhecida a Rua Dias D’Ávila, foi se tornando mais popular entre a classe média que ainda frequentava o Beco dos Artistas. Atualmente, é o Beco da Off que parece estar, junto com a própria Boate, sofrendo concorrência e vendo seu público mais rico se deslocar para mais longe do seu eixo. No caso, este público converge em direção ao Rio Vermelho, para o desfrute das Boates Boomerangue e San Sebastian, pontos de encontro dos homossexuais mais jovens; os mais velhos, na faixa dos 30-60 anos ainda preferem a Barra, se alojando no Bar Da Vinci.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Algumas questões teóricas orientaram a nossa pesquisa e gostaríamos de comentá-las. A principal delas questionava a existência de um gueto homossexual tal como descrito por Wirth. Ao longo das nossas observações, pudemos ver que, embora algumas das características básicas descritas por este autor para a formação de um gueto como a concentração residencial e a área de serviços institucionais estivessem presentes, falta isolamento e fechamento na maior parte dos territórios. Quando há um uso exclusivo de alguma região da cidade, como no caso do Beco dos Artistas, este uso é apenas temporário e restrito ao uso noturno. Também não há moradia de homossexuais neste território o que impede a classificação das áreas pesquisadas como guetos.

---

<sup>15</sup> Cláudio, 45 anos, vendedor de cachorro quente

Embora o conceito de gueto na sua concepção clássica não possa ser empregado no caso de Salvador, ainda podemos utilizá-lo com ressalvas. O gueto homossexual de Salvador é uma região de usos múltiplos, com ocupação residencial esparsa e sem tendência ao fechamento. E como se tratam de regiões de múltiplos usos, essas regiões abrangem populações diversas, que se utilizam dos bens e serviços de modo múltiplo. De acordo com este pensamento, os guetos se confundiriam com as grandes manchas. Para nós o diferencial do conceito de gueto, além do seu valor histórico, é o valor dado a uma base territorial específica. As manchas são ligadas às atividades desenvolvidas em um tempo, como por exemplo, ao longo da manhã ou da tarde. Para o gueto, nos parece que, além do tempo, as atividades estão localizadas e segregadas no espaço.

De acordo com este raciocínio, pode-se concluir que, apesar de ocorrerem simultaneamente, as atividades nas Manchas Barra e Centro são diferentes. Uma mancha está para a vida na Orla, com seus passeios na praia, para o turismo e para a identidade gay moderno-internacional. No Centro, a vida está muito ligada a uma identidade ligada à memória da cidade. É no Centro onde ocorrem shows de música, onde estão localizados os principais teatros, onde ocorre a Parada Gay, no mesmo trajeto do Carnaval e das Marchas da Independência do Brasil e da Bahia.

Como descrito no tópico referente à Mancha Orla, podemos ver que a identidade gay moderna e urbana convive tranquilamente com traços da identidade local. Em locais gays, música de boates divide o mesmo espaço com o reggae, o pagode, o axé e o samba-reggae, ritmos que compõem a base musical e artística baiana, dando um novo significado à experiência de ser homossexual nesta cidade.

Apesar de os homossexuais terem trajetos específicos de circulação, não podemos atribuir apenas à identidade homossexual um papel preponderante na escolha de padrões de circulação e consumo. Os fatores que mais contribuem neste aspecto dizem respeito à classe do indivíduo e ao grau de assunção da própria identidade homossexual. Depois de aceitar a própria orientação sexual, mesmo que não a exponha a outros, o indivíduo, caso possa pagar por serviços diferenciados, passa a buscá-los para dar suporte a uma vida que assume. Não é o desejo homossexual e sim a aceitação que liberta o indivíduo para buscar outras alternativas de vivência da cidade.

A partir do já exposto, podemos tirar novas conclusões e fazer outras observações. Para esta pesquisa, os homossexuais que vão às manchas são aqueles que assumem a ideologia da identidade homossexual. Estes casam a prática homoerótica com a identidade homossexual e a afirmação desta identidade na utilização do espaço público.

Outra observação a ser feita é que diferenças de classe estão presentes também entre os grupos minoritários e, entre os homossexuais não é diferente. Na verdade, quando, neste trabalho, se pensou em observar a exclusão dos homossexuais do acesso a bens urbanos, a exemplo de equipamentos de lazer ou um padrão de deslocamento diferenciado em função da sua opção sexual, constituindo-se assim um gueto, pensava-se, de certa forma, numa “unidade comunitária”, independente da classe social e da etnia dos entrevistados. O que pudemos observar é, na verdade, contrário a estas proposições. Os verdadeiros “excluídos” entre os homossexuais são, em sua maioria, os excluídos do acesso a bens de consumo: os pobres que, no caso de Salvador, são maioria negra. Os minoritários ricos se constituem como um grupo socialmente privilegiado, com acesso a bens de consumo não disponíveis a outras camadas sociais, independentemente de pertencerem ou não a população homossexual.

De acordo com o estudo de Mott (2000), a “cena gay” de Salvador contaria com 9 bares e boates, 7 saunas e 3 cinemas (de sexo). O autor listou também 12 ruas e monumentos históricos, além de 6 praias. Durante a pesquisa, encontramos a seguinte realidade: 2 cinemas de sexo, 5 praias, 7 saunas, 16 ruas e monumentos e 15 bares e boates.

Estes números indicam um crescimento numérico de algumas das atividades. Para nós, é importante observar que, embora numericamente as atividades tenham aumentado, especialmente, à exceção dos equipamentos na região do Rio Vermelho, a configuração dos espaços homossexuais não mudou de forma significativa. As mudanças dizem mais respeito à dinâmica interna de funcionamento das manchas do que a um alargamento do tamanho do raio de influência das mesmas.

## Referência

LEVINE, Martin. Gay ghetto. In: LEVINE, M. (org.) *Gay men: the sociology of male homosexuality*. Nova York, Harper & Row, 1979.

MACRAE, Edward. *Em Defesa do Gueto*. In: *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 2, 1, p. 53-60, abr. 1983.

MAGNANI, J. GUILHERME C. e TORRES, LILIAN (org.). *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Edusp, 2000.

MOTT, L. R. B. *A Cena Gay em Salvador em Tempos de Aids*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia/Ministério da Saúde, 2000.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. *O ghetto e a boca: territorialidade homossexual*. In: *Espaço e Debates*. nº 17, São Paulo, 1986.

SANTOS, M; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec; Anpur, 1994.

SIMÕES, J. A. ; FRANÇA, Isadora Lins . Do gueto ao mercado. In: James N. Green; Ronaldo Trindade. (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005, v. , p. 309-333.

WIRTH, Louis.[1928]. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.